

AVALIAÇÃO DOPPLERFLUXOMÉTRICA RENAL EM CÃES SEDADOS COM DIFERENTES DOSES DE DEXMEDETOMIDINA E REVERSÃO COM ATIPAMEZOL¹

Laura de Bovi Pereira², Nilson Oleskovicz³, Gabriela Borges Conterno⁴, Leonardo Deschamps Fernandes⁵, Luna Silvestri Souto⁶, Leonardo Bergmann Griebeler⁷, João Victor de Souza⁸, William de Souza Ferreira⁶, Júlia Bernardino Silva⁶, Felipe Comassetto⁹, Mere Erika Saito⁹, Hugo Salvador Oliveira¹⁰

¹ Vinculado ao projeto “Avaliação dopplerfluxométrica renal em cães sedados com diferentes doses de dexmedetomidina e reversão com atipamezol”

² Acadêmico do Curso de Medicina Veterinária – CAV – Bolsista PIBIC/CNPq

³ Orientador, Professor Dr., Departamento de Medicina Veterinária – CAV – nilson.oleskovicz@udesc.br

⁴ Programa de Pós Graduação em Ciência Animal – CAV

⁵ Programa de Residência em Medicina Veterinária (PRORES/MV) – CAV/UDESC

⁶ Médico Veterinário Autônomo, Pelotas-RS

⁷ Residente em Anestesiologia Veterinária – Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

⁸ Acadêmico do Curso de Medicina Veterinária – CAV/UDESC

⁹ Prof. (a) Dr. (a)., Departamento de Medicina Veterinária – CAV/UDESC

¹⁰ Médico Veterinário no Hospital Veterinário Santa Vida – Florianópolis/SC

O objetivo do estudo foi comparar o impacto da dexmedetomidina e atipamezol em cães pela dopplerfluxometria renal, parâmetros cardiorrespiratórios, urinálise e efeitos sedativos. Participaram do estudo 20 cães, machos, adultos, porte médio, hígidos, previamente avaliados através de anamnese, histórico clínico, exames físico, sanguíneo (hemograma e bioquímico), urinálise, e encaminhados ao local do estudo, onde era realizada a mimetização do exame ultrassonográfico, avaliando morfologia e dimensões renais, além de exame comportamental, excluindo animais agitados e agressivos. Os cães foram internados com 8h de antecedência, em ambiente exclusivo ao estudo, separado da rotina hospitalar, para aclimação, realizando jejum sólido de 8 horas e água *ad libitum*. Previamente à administração dos tratamentos (basal – M0), registravam-se dados como FC, pressão arterial sistólica (PAS), *f*, T°C, TPC e grau de sedação pela escala de Grint et al (2009) por avaliador experiente e cego aos tratamentos. Sequencialmente, realizou-se colheita de 10 mL de urina (urina basal – M0) para urinálise, seguido de posicionamento do cão em decúbito dorsal, para estudo de dopplerfluxometria. Primeiro era ajustado sob os rins o Doppler colorido, classificando a perfusão renal em graus de 0 a 3, de acordo com a visibilidade dos vasos. Posteriormente, foram registrados os índices de resistividade (IR) e pulsatilidade (IP) do rim esquerdo, localizando as artérias interlobares pelo Doppler colorido, acionando o Doppler pulsado, e realizando a média dos valores de IR e IP obtidos em três a seis ondas. Em seguida, os animais foram aleatoriamente alocados em 2 grupos de n = 10: G2,5 recebeu dexmedetomidina 2,5 µg/kg, e G5 na dose de 5 µg/kg, ambos por via intramuscular (IM). Em seguida à aplicação, os cães permaneceram em ambiente escuro, silencioso, sem a presença dos avaliadores. Após 20 minutos, os observadores retornavam ao local e iniciavam os registros de M1, na mesma sequência de M0, exceto a colheita de urina. Esse momento perdurava no máximo 30 minutos, aplicando atipamezol ao final, em dose de 25mg/Kg e 50mg/Kg para G2,5 e G5, respectivamente, por via IM. Após 10 minutos, iniciavam os registros de M2 (mesmas variáveis de M1).

Ao final, eram alimentados e permaneciam em gaiola para nova colheita de urina 6h após a aplicação da dexmedetomidina. Por fim foi realizada a estatística com os valores encontrados durante o estudo, sendo que o valor de p foi considerado significativo quando $p < 0,05$. Observou-se redução significativa na FC em M1 e M2 comparado a M0 em ambos os grupos (27,8% e 27% no G2,5, e 41,1% e 31,2% no G5). A *f* reduziu no M2 em ambos os grupos, a PAS aumentou no M1 do G2,5 ($171,3 \pm 19,34$), comparado a M0, porém reduziu no G5 no M1 ($152,2 \pm 30,21$) comparado ao M0. O TPC aumentou no M1 do G5 ($1,8 \pm 0,6325$) em relação ao M0 ($1,4 \pm 0,5164$). A temperatura, em ambos os grupos, reduziu em M1 ($38,27 \pm 0,3129$ no G2,5, e $37,98 \pm 0,3521$ no G5) e M2 ($38,04 \pm 0,3836$ no G2,5, e $37,56 \pm 0,7470$ no G5) comparado ao basal ($38,49 \pm 0,3635$ no G2,5, e $38,29 \pm 0,2923$ no G5). Quanto ao escore sedativo, não houve diferença entre grupos, mas sim entre momentos, tendo aumento em relação ao basal. IR e IP no M1 foram maiores no G5 ($0,723 \pm 0,02541$ e $1,445 \pm 0,1993$, respectivamente) comparado ao G2,5 ($0,666 \pm 0,04274$ e $1,128 \pm 0,2015$, respectivamente), enquanto no M2 os valores retornaram similares ao M0. Houve tendência ao aumento da GGT urinária no G5, sem ultrapassar o limiar de lesão tubular. Portanto, ambas as doses promoveram alterações cardiorrespiratórias e escores sedativos similares, entretanto, G5 demonstrou maior impacto pela dopplerfluxometria. Além disso, o atipamezol foi eficaz no retorno aos valores basais de IR e IP.

Figura 1: Avaliação dopplerfluxométrica para registro de IR e IP.

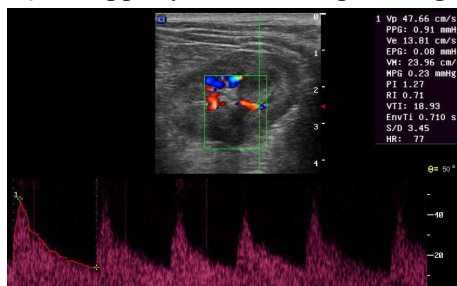
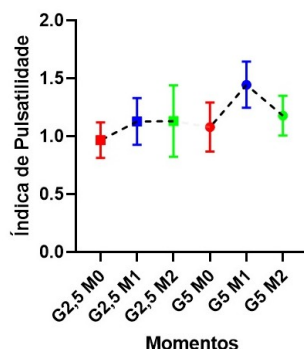


Figura 2: Resultados do valor de IP em G2,5 e G5.



Palavras-chave: Dexmedetomidina. Atipamezol. Dopplerfluxometria renal